



a t r a v e s s a m
o b o s q u e e n ā
E m t o r n o d a v
o f i c i n a d a h
m l i t e r á r i a
e l e t o m a v a o
f o g e d e l u z e
t r m e a t e r r a
s e n **1 3 e 1 4** t e o s o n h
A p r e s e **d e** a o g u e r r
a t a ç a i **o u t u b r o** f o
c e b e r a **1 0 h à s 1 4 h 3 0**
's t a m o s e m p l e n o m a r . E r a
r a c a m p u s z **n i t e r ó i** a t o a m
d e c a m p u s a **r e a l e n g o 2** v e r
n a c a m p u s e **c e n t r o** e o a p t o

maiores informações
oficinaliteraria@gmail.com

apoio
PROPGPEC
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA,
POSGRADUAÇÃO,
EXTENSÃO E CULTURA

ATO ZERO
Oficina Literária
Colégio Pedro II
2015

ATO ZERO: Oficina Literária

Curadoria de Luiz Guilherme Barbosa

Professor de Português e Literaturas de Língua Portuguesa

Coautores

Os alunos do ensino médio do *campus Realengo II* que participaram como autores das oficinas ao longo do ano foram inúmeros. A cada um deles, o agradecimento e o desejo de que se sintam autores dos textos, reconhecendo as suas assinaturas.

Colégio Pedro II

Campus Realengo II

Departamento de Português e Literaturas de Língua Portuguesa

[SUMÁRIO]

1. Escrita é
2. “Estou me sentindo Duchamp!”
3. Manual de Leitura de *Iracema*
4. Máquina de escrever frases
5. Poetiqueta
6. Pare a investigação agora ou terá problemas
7. Presença
8. Com a sua licença
9. *Fossil poetry*

Escrita é

Na estreia do Ato Zero, os autores compuseram um soneto-emblema, seu primeiro escafandro textual, seu primeiro afundamento calculado, sua primeira pequena morte, sua primeira catástrofe anunciada.

Escrita é qualquer libertação

Escrita é sentir sem tocar

Escrita é prisão, situação

Escrita é mania de brincar

Escrita é perder a direção

Escrita é além do que se dá

Escrita é ação do coração

Escrita é ousar e inovar

Escrita é café libertador

Escrita é ser visto por intenso

Escrita é o soco de uma dor

Escrita é calar-se por extenso

Escrita é a sombra de um amor

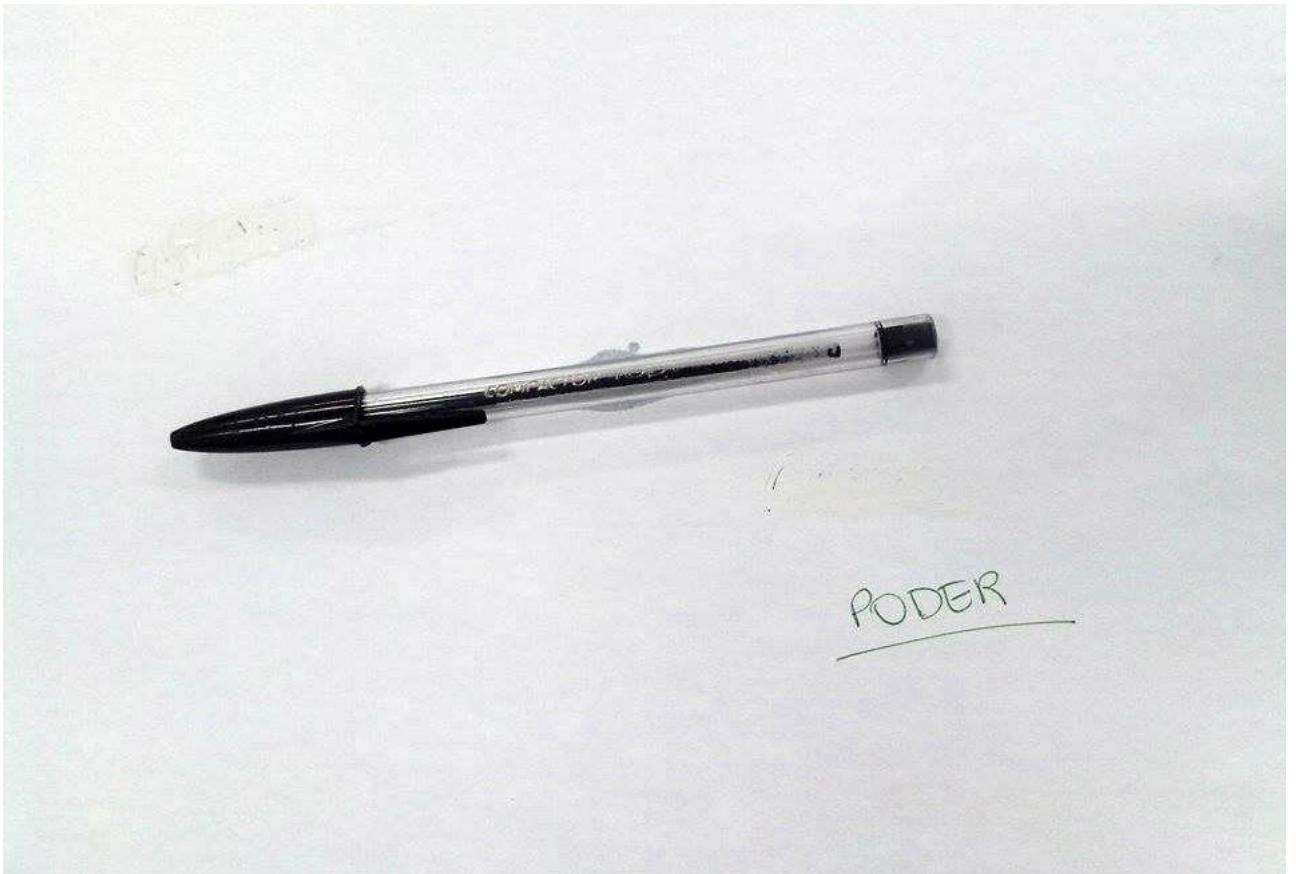
Escrita é um grito no silêncio

“Estou me sentindo Duchamp!”

No segundo encontro, os alunos-oficineiros foram desafiados a levar um objeto colado ao papel e nomeado com uma palavra ou expressão que não fosse propriamente o seu nome. Na saída do encontro, ouvi de uma aluna uma frase enigmática, impossível: “Estou me sentindo Duchamp!” Fiquei pasmo.



Peso de Papel.



Drogas



alucinógenas

andrea b. 2009

kajoma

LIBERDADE



Museu!

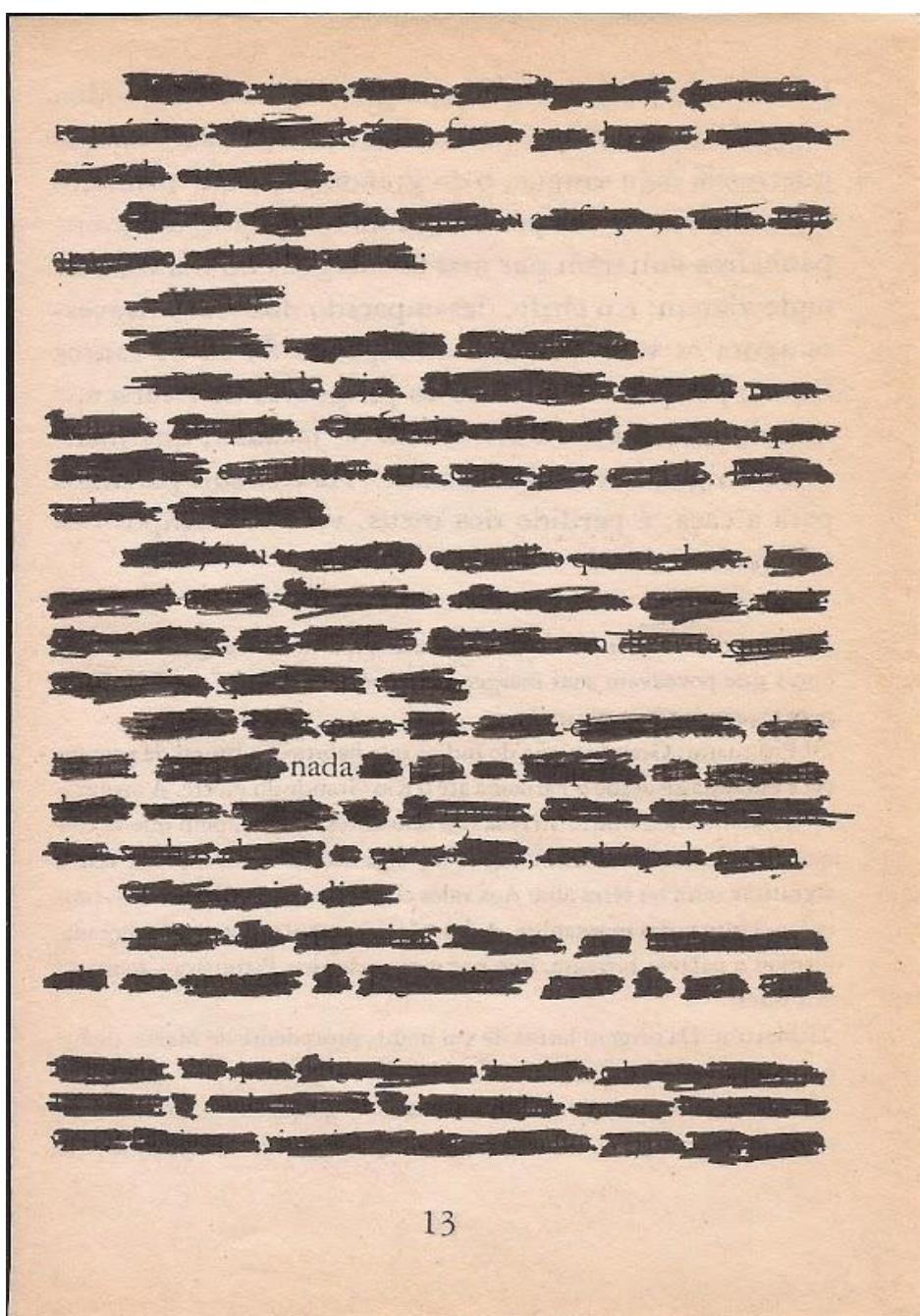




CASA

Manual de Leitura de *Iracema*

Terceiro encontro: o lance era profanar *Iracema*. Cada autor recebeu uma página cortada de uma edição do livro de José de Alencar, e a regra era ou desenhar sobre as palavras de Alencar ou apagar as suas palavras para sobrar apenas um outro texto. Escrever desenhando: desenhar o texto. Escrever cortando: desescrever, descriar. Entrei no jogo. Um trabalho contra a interpretação: um ato. Ato zero. E mostro aqui oito das vinte e três páginas do livro aberto que o grupo compôs.



Poti refletiu:

— Conta, virgem das serras, o que sucedeu em teus campos depois que a eles chegou o guerreiro do mar.

Referiu Iracema como a cólera de Irapuã se havia assanhado contra o estrangeiro, até que a voz de Tupã, chamada pelo Pajé, tinha acalmado seu furor:

— A raiva de Irapuã é como a andira: foge da luz e voa nas trevas.

A mão de Poti cerrou súbito os lábios da virgem; sua fala parecia um sopro:

— Suspende a voz e o respiro, virgem das florestas; o ouvido inimigo escuta na sombra.

As folhas crepitavam de manso, como se por elas passasse a fragueira nambu. Um rumor, partido da orla da mata, vinha discorrendo pelo vale.

O valente Poti, resvalando pela selva, como o ligeiro camarão, de que ele tomara o nome e a viveza, desapareceu no lago profundo. A água não soltou um murmurio, e cerrou sobre ele sua onda límpida.

Volto Iracema à cabana; em meio do caminho perceberam seus olhos as sombras de muitos guerreiros que rojavam pelo chão como a intanha.

Vendo a entrar, Araquém partiu.

A virgem tabajara contou a Martim o que ouvira de Poti, o guerreiro cristão ergueu-se de um ímpeto para correr em defesa de seu irmão pitiguará. Cingiu-lhe Iracema o colo com os lindos braços:

Martim [redacted] penetrou [redacted] o ancião, e [redacted] seu corpo [redacted]

O velho ficou imóvel:

[redacted] voltou o rosto para [redacted] que é leve nos [redacted] como o fumo do sítio [redacted] o cocuruto de [redacted] o estrangeiro veio [redacted]

— O estrangeiro veio, para te anunciar qué parte.

[redacted] todos os caminhos estão abertos para ele.

— Caubi voltou, [redacted] Traz [redacted] o melhor de sua caça.

— O guerreiro [redacted] é um grande caçador [redacted]

— [redacted] seu pai [redacted] abriu as pálpebras e cerrou-as [redacted]

— [redacted] para teu hóspede [redacted] volta [redacted]

Martim sorriu do ingênuo desejo da filha do Pajé.

— Vem! disse a virgem.

Atravessaram o bosque e desceram ao vale. Onde morria a falda da colina, o arvoredo era bosto: densa abóbada de folhagem verde-negra cobria o árido agreste, reservado aos mistérios do rito bárbaro.

Era de jurema o bosque sagrado. Em torno corriam os troncos rugosos da árvore de Tupã; dos galhos pendiam ocultos pela rama escura os vasos do sacrifício; lastravam o chão as cinzas de extinto fogo, que servira à festa da última lua.

Antes de penetrar o recondito sítio, a virgem que conduzia o guerreiro pela mão, hesitou, inclinando o ouvido sutil aos suspiros da brisa. Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão. Nada havia porém de suspeito no intenso respiro da floresta.

Iracema fez ao estrangeiro um gesto de espera e silêncio; logo depois desapareceu no mais sombrio do bosque. O sol ainda pairava suspenso no viso da serrania; e já noite profunda enchia aquela solidão.

Quando a virgem tornou, trazia numa folha gotas de verde e estranho licor vazadas da igaçaba, que ela tirara do seio da terra. Apresentou ao guerreiro a taça agreste:

— Bebe!
Martim sentiu perpassar nos olhos o sono da morte; porém logo a luz inundou-lhe os seios d' alma; a força

[REDACTED] triste **[REDACTED]** sombra ca-
minha para a noite. **[REDACTED]**

A virgem acendeu o cachimbo.

Bem-ido, [redacted] bem-vindo, [redacted]

que la fábrica de tabacos.

A long, thin, dark object, possibly a piece of debris or a small rod, lying horizontally across the frame.

[REDACTED] voltou à rede e dormiu de novo. **[REDACTED]**

~~RECORDED BY~~

O dia vai ficar triste: _____ "estou triste".

This horizontal scroll painting depicts a landscape scene with a long bridge spanning a body of water. The bridge has multiple arches and is surrounded by lush green trees and foliage. In the background, there are rolling hills or mountains under a clear sky. The style is characteristic of traditional Chinese ink wash painting.

卷之三

Esta palavra foi como um sopro de tormenta. A cabeça do mancebo vergou e pendeu sobre o peito; mas logo se ergueu.

— Os guerreiros de meu sangue trazem a morte consigo, filha dos tabajaras. Não a temem para si, não a pouparam para o inimigo. Mas nunca fora do combate eles deixarão aberto o camucim³⁹ da virgem na taba de seu hóspede. A verdade falou pela boca de Iracema. O estrangeiro deve abandonar os campos dos tabajaras.

— Deve — respondeu a virgem como um eco.

Depois a sua voz suspirou:

— O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da andiroba:⁴⁰ tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol⁴¹ guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da aquemá.

Martim afastou-se rápido; mas voltou lentamente. A palavra tremia em seu lábio:

39 Camucim: Vaso onde encerravam os indígenas os corpos dos mortos e que lhes servia de túmulo; outros dizem camotim, e talvez com melhor ortografia, porque, se não me engano, o nome é corrupção da frase cōburaco, ambira — defunto, e anhurá — enterrar, buraco para enterrar defunto, c'am'otim. O nome dava-se também a qualquer pote.

40 Andiroba: Árvore que dá um azeite amargo.

41 Cabelos do sol: Em tupi guaraciaba. Assim chamavam aos europeus que tinham os cabelos louros.

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

— Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

III

O estrangeiro seguiu a virgem através da floresta.

Quando o sol descambava sobre a crista dos montes, e a rola desatava do fundo da mata os primeiros arrulhos, eles descobriram no vale a grande taba; e mais longe, pendurada no rochedo, à sombra dos altos juazeiros, a cabana do Pajé.

O ancião fumava à porta, sentado na esteira de carnaúba, meditando os sagrados ritos de Tupã. O tênuo sopro da brisa carmeava, como flocos de algodão, os compridos e raros cabelos brancos. De imóvel que estava, sumia a vida nos olhos cavos e nas rugas profundas.

O Pajé lobrigou os dois vultos que avançavam; cuidou ver a sombra de uma árvore solitária que vinha alongando-se pelo vale fora.

Não vindo ele, saíram a buscá-lo.

Bateram as matas em torno e percorreram os campos; nem vestígios encontraram da passagem dos pitiguaras; mas o conhecido frêmito do búzio das praias tinha ressoado ao ouvido dos guerreiros da montanha; não havia duvidar.

Suspeitou Irapuã que fosse um ardil da filha de Araquém para salvar o estrangeiro, e caminhou direito à cabana do Pajé. Como trota o guará⁵¹ pela orla da mata, quando vai seguindo o rastro da presa escápula, assim estugava o passo o sanhudo guerreiro.

Araquém viu entrar em sua cabana o grande chefe da nação tabajara, e não se moveu. Sentado na rede, com as pernas cruzadas, escutava Iracema. A virgem referia os sucessos da tarde; avistando a figura sinistra de Irapuã, saltou sobre o arco e uniu-se ao flanco do jovem guerreiro branco.

Martim a afastou docemente de si, e promoveu o passo.

A proteção, de que o cercava, a ele guerreiro, a virgem tabajara, o desgostava.

— Araquém, a vingança dos tabajaras espera o guerreiro branco; Irapuã veio buscá-lo.

51 Guará: Cão selvagem, lobo brasileiro. Provém esta palavra do verbo u — comer, do qual se forma com o relativo g e a desinência ara o verbal g-u-ára — comedor. A sílaba final longa é a partícula propositiva que serve para dar força à palavra. G-u-ára-a realmente comedor, voraz.

Máquina de escrever frases

Agora a ideia era: escrever uma frase cujo sentido se alterasse ao ser escrita à máquina de escrever. Cada verso do poema foi digitado pelo seu autor, que em geral digitava à máquina pela primeira vez na vida. De modo que a força com que a tecla imprime sobre o papel é o traço mais significativo, a meu ver, desse trabalho. Qual a força necessária para se escrever uma palavra? Quantas calorias os dedos gastam para fazer um poema? E se o esforço para escrever uma letra for descomunal, como fica a feitura dos romances? No mundo em que as telas sensíveis dos celulares não apresentam resistência ao toque dos dedos, não exigem a aderência da pele, escrever à máquina pode significar escrever pela primeira vez. Pode significar o ato zero. Teatro que nunca narra nada, mal chega ao primeiro ato, escrever pode ser a maneira mais difícil de não sair do lugar. Ou a maneira mais fácil de não ganhar dinheiro. Ou o modo mais inútil de falar.

MÁQUINA DE ESCRIVER FRASES

Poetiqueta

E U

Com uma etiquetadora em punho, escrever. Com uma máquina nas mãos, escrever. Com a inabilidade de quem se acostumou às máquinas dóceis, ao computador, ao celular, escrever com a pressão da etiquetadora, forçar cada letra sobre a tira colorida, descolori-la letra a letra. Só se escreve na vigência da letra. E a musculatura deve trabalhar para que se escreva. Só se escreve para que se afirme: “Eu sou a coisa, coisamente”. Para que se afirme que, no fim de tudo: “Eu, etiqueta”. Para que a escrita não denuncie nada, a não ser a destruição das classificações, das categorias, das homenagens, dos preços, da tipografia. A destruição de tudo o que torna escrever possível. Porque só se escrever por tamanha impossibilidade.

POETIQUETA

E ISSO QUE ELES QUEREM

QUE VOCÊ PENSE

COLE NOQUE TE FAZ BEM

FIXEI NELE, EM MIM,

EM TODAS AS LÉIS COLAM.

NAO ARRAUIVE O AMOR

SIGA A ETIQUETA

AZUL É A COR MAIS QUENTE

O AZUL QUE LIMITA

FACILMENTE SUBSTITUVEL . . .

GUARDE SEU OLHAR EM MIM

PERFEITOS DE MANEIRAS DIFERENTES

NAO ROTULE

QUANTO VALE UMA PALAVRA

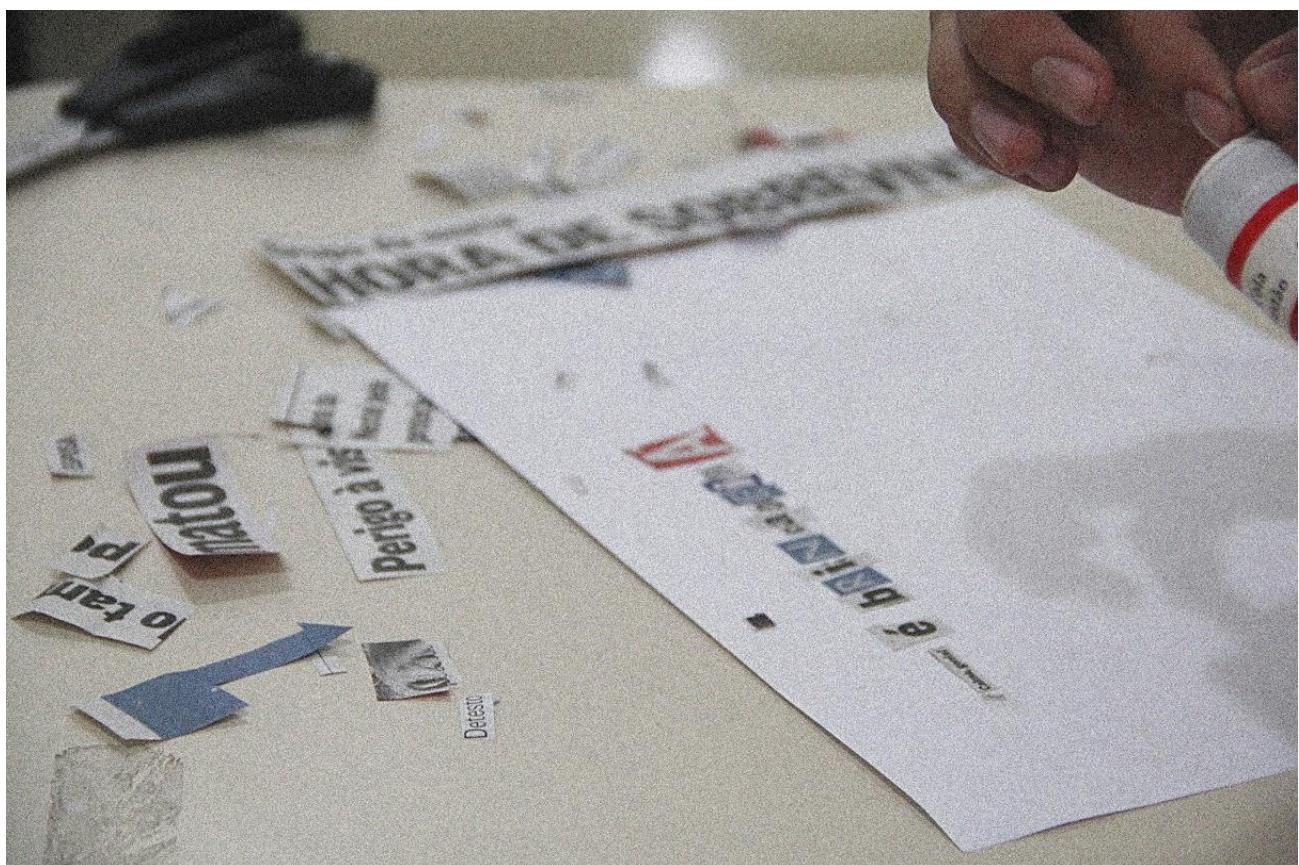
ISTO É UMA ETIQUETA

FUJA DE SI MESMO

SE EU PUDESSE EU GRITARIA

NAO SIGA

Pare a investigação agora ou terá problemas



Quem fala tem culpa. Quem escreve tem culpa. O culpado do crime, ao enviar uma carta para a polícia, o suicida, ao deixar a carta na gaveta da escrivaninha, o pai, ao ensinar por carta a ética a seu filho, têm culpa. Mas o culpado do crime escreve procurando como sempre ocultar as pistas, abdicando da sua caligrafia, e esquecendo-se de que o ato de escrever e recortar dos jornais (que noticiam os seus crimes) as letras (que comunicam de viés a sua culpa) é a prova de sua existência, é o resto de sua singularidade, é a prova do real. Imaginando-se passar quase invisível como um fantasma, o culpado do crime ainda assim escreve, como quem esquece que em escrever em ato existe corpo, matéria, vida. Não há como escapar à letra. Pois é preciso escrever para comunicar um crime anterior ao crime cometido, um crime que comete quem fala. De nada adianta não confessar a culpa. O crime fala por si. Quem fala mata e muda a realidade. E, dessa vez, foi preciso, com letras e palavras dos jornais dos dias 16 e 17 de setembro de 2014, falar na voz do criminoso, pois assim falar restitui-se como um ato: a prova do real para quem se imagina quase morto.

PARE a investigação **Agora** eu sei problemas

Não **venga** **Me** **Procurar**

Faz parte do meu trabalho manter segredos

cinco foram salvos **do** meu **mundo**

CORAÇÃO ACCELERADO não resistiu ao **meu** ataque

ApaiXonei-me **pela**

beleza **da** **do**

s'Amor, **é** **Julgamento**

que **M** **é** **A** maior **VÍTIMA**?

todo truque **tem** **um** **preço**

O **desafio** **NAO** **cai**, **SÓ** **cresce**

SUAS desgraças, **nos** **jogos** serão **punidas**

O DRAMA de **M** pele **crucifixos** para **a** **policia**

retoma o Caminho com o sumiço na mira 372

COMETA, **rebeldia** **contra** **raiva**

pois **NO FUTURO** há

AMOR **DO**

plenamente

do **coração**

// Calma, gente! **é** **bRINcADEIR** **A**

Presença

Dessa vez a oficina se fez em homenagem a um parágrafo de Jacques Derrida, e basta:

Por definição, uma assinatura escrita implica a não-presença atual ou empírica do signatário. Mas, dir-se-ia, marca também e retém seu ter-sido presente num agora passado, que permanecerá um agora futuro, logo, um agora em geral, na forma transcendental da permanência. Esta permanência geral está de algum modo inscrita, pregada na pontualidade presente, sempre evidente e sempre singular, da forma de assinatura. É essa originalidade enigmática de qualquer rubrica.

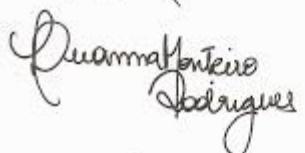
(“Assinatura Acontecimento Contexto”, in *Limited Inc.* Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1991. p. 35.)

Presença




Samara


Ana

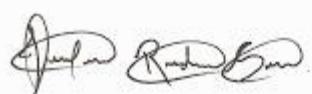

Quanira
Monteiro
Rodrigues


Beatriz Silva


Inês


Soraia
Gonçalves


Dr. Cott


André


Priscilla R. Ferreira
Ghahreman

Com a sua licença

Quanto tempo dura um luto? O quanto um luto incapacita alguém para o trabalho? O quanto tornar-se pai requer a suspensão das atividades profissionais para que se possa trabalhar o pai nascendo em si? Que dor de barriga, dor na coluna ou filho doente são pâreo para o apaixonado que adoece de amor? Mas se adoece de amor? Quais licenças são necessárias para contemplar os estados de exceção em que as circunstâncias da vida lançam o trabalhador? Qual é, diante dos imprevistos da vida, o trabalho necessário para que se continue trabalhando, mesmo que para tanto seja necessário interromper por um tempo o tempo de trabalho? Nessa sessão da oficina, instituíram-se licenças. E se a licença poética põe a perder o tanto de poético que não pede licença para acontecer, assim também a licença de trabalho põe a perder o tanto de trabalho que há em perna quebrada, crise de labirintite, transtorno pós-traumático. E por isso, que se reescrevam as licenças, para que a lei, que torna visível o que não se vê, dê a ver as urgências que teimam em ser adiadas pelo trabalho, como se trabalho não fossem.

(Hoje o nosso registro difere daquele tempo em que Thiago de Melo escreveu os “Estatutos do Homem”, mas a insistência em legislar contra a lei jogando com as palavras diz algo acerca do odor autoritário que ambos os tempos do Homem se colocam. Por isso, fica-lhe como homenagem essa sessão da oficina.)

Licença aos pedaços

Artigo único. Fica instituído o direito de licença por tempo indeterminado à pessoa que precisa consertar os pedaços do coração.

Licença querido avô

Artigo único. Caso a pessoa possua um avô ou uma avó que tenham o dom de contar longas histórias no horário antes do almoço, assegura-se por este decreto o direito a se atrasar levemente a compromissos legais ou ao local de trabalho, a fim de garantir que a pessoa ouça a lorota até o final.

Licença-medo

Artigo único. Toda vez que a pessoa sentir medo de algo ou principalmente de viver, torna-se isenta de praticar qualquer atividade à qual esteja submetida, inclusive a de se levantar da cama.

Licença-recomeço

Artigo único. Fica estabelecido que todo indivíduo terá o direito a sonhar acordado com os sorrisos e palavras doces dos novos amores por quanto tempo o amor durar.

Licença-spoiler

Artigo único. Por meio desta declara-se que qualquer pessoa que tenha tido o coração partido e todos os sonhos e expectativas dizimados por conta de spoiler tem direito a permanecer em casa tempo suficiente para que se emende o coração partido.

Licença-partiu

Artigo único. Qualquer filho tem o direito de frequentar festas mesmo sem a permissão dos pais, inclusive o direito de ir e voltar em qualquer horário e com a roupa que quiser.

Licença para a vida

Artigo único. Fica decretado que todas as pessoas, sem exceção, têm o direito de viver suas vidas às suas próprias maneiras, inclusive o direito de amar livremente e sonhar.

Licença-paixão

Artigo único. Toda pessoa que se apaixonar tem direito de se declarar, independentemente de sua orientação sexual, e sem que o amado rompa a amizade já existente com o declarante.

Fossil poetry

Também na oficina os alunos foram provocados a sublinhar nos livros trechos que pudessem ser perturbados pelo ato de grifar. Foi Waly Salomão que no seu último livro de poemas, *Pescados vivos*, reproduziu a página com um de seus sublinhados num livro de Ralph Waldo Emerson que dizia que “language is fossil poetry”. São para ele, Waly, sem o saberem os grifos que estes alunos inscreveram em alguns livros circulantes.

interiormente que o homem que não domina os seus sentimentos, é um escravo, que não tem o menor merecimento quando pratica um ato de dedicação.

Tinha-me tornado filósofo, minha prima, e decerto compreenderá a razão.

No meio da baía, metido em uma canoa, à mercê do vento e do mar, não podendo dar largas à minha impaciência de chegar, não havia senão um modo de sair desta situação, e este era arrepender-me do que tinha feito.

tínhamos verdadei
bandista
Caí r
a beber
do Por
para ac
as hon
gava q
belece
mos r
Ti
sabed
cia d
princ
ao lo

práticas apontadas, de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra.

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma *omissão* mas um sujeito de *opções*. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.

3.3 — Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não

Pedro estava lendo um livro da memória. Pedro lê um livro.)

ALAÍDE (provadora) — Você não esse livro?

PEDRO — Mas, minha filha, comece

ALAÍDE (com irritação) — Por causa de quem? — Pedro resquece que eu (conciliatório) — Não seja bobo, quer abraçar a mulher)

PEDRO (repelindo-o) — Fique quieto, já disse!

IX

Eram seis horas da tarde.

O sol declinava rapidamente, e a noite, descendo do céu, envolvia a terra nas sombras desmaiadas que acompanham o ocaso.

Soprava uma forte viração de sudoeste, que desde o momento da partida retardava a nossa viagem; lutávamos contra o mar e o vento.

O velho pescador, morto de fadiga e de sono, estava exaus-

— No mínimo, você está pensando:
“Se ela gostasse de outro, não diria.”

Acertei?

— Você é completamente doida!

— Por que é que você não se ofende com as coisas que estou dizendo?

— Vou ligar ao que você diz?

(risadas) — Ah! Não! (exaltada) Você faz

Me prende, me arrebata e me consola,

*sinto que a tu' alma desprendida
o terrestre, do negro labirinto
elhor há de adorar-me na outra Vida,
elhor sentindo tudo quanto eu sinto.*

*Porque não é por sentimento vago,
Nem por simples e vã literatura,
Nem por caprichos de um estilo mago
Que sinto tanto a tua essência pura.*

*é por transitória veleidade
ra que o mundo reconheça,
sinto a tua cándida Piedade,
réolas de luz dessa cabeça.*

Não é para que o mundo te proclame

R E S G A T E

*ua voluptuosidade pura e inocente, nessa embriaguez da velocidade.
sente nascer-lhe as asas, e pensa que voa; rompe-se o casulo de seda,*

*e aí que está o perigo. Esse enlevo inocente da dança, entrega a
s tentações do cavalheiro, delicado embora, mas homem, que ela
m o casto requebro de seu talhe e traspassando com as tépidas*

*mostrava-o aquele formoso par que girava na sala; e ao qual
diosos a casta e santa auréola da graça conjugal, com que Deus*

*a-se de ter cedido ao desejo da mulher e começava, ele um dos
recear a vertigem.*

*pelas fascinações de que se coroava naquele instante a beleza de
ou pela sala. Voltou porém atraído por força poderosa e*

*urélia calcava-lhe no ombro, transmitindo-lhe com a branda e
como se todo seu organismo estivesse ali, naquele ponto em*

ATO ZERO
Oficina Literária
Colégio Pedro II
2015

